

CÁTEDRA DE SÃO PEDRO
Edificados sobre a confissão de fé de Simão
Homilia para os Capitulares na Basílica de Maria Auxiliadora
1Pd 5:1-4; Mt 16:13-19

Caríssimos irmãos,

estou feliz por presidir esta primeira eucaristia de início do Capítulo Geral, aqui na Basílica de Maria Auxiliadora, expressão da gratidão do nosso amado pai, Dom Bosco, pela presença amorável de Nossa Senhora em sua vida e missão. Ela sempre foi a mãe e a mestra que recebeu no 'sonho' dos nove anos e por quem sempre foi acompanhado e apoiado na fundação e desenvolvimento da sua obra.

Hoje, a liturgia nos apresenta a festa da Cátedra de São Pedro, que nos oferece a admirável oportunidade de fazer memória viva e atualizadora do primeiro entre os apóstolos, Simão Pedro, e reafirmar o nosso "sensus Ecclesiae" e a nossa adesão filial ao Papa, hoje Francisco.

Natural de Cafarnaum, pescador por profissão, Simão encontrou-se com Jesus de Nazaré no exercício de sua profissão de pescador; abandonou tudo, casa e parentes, a fim de seguir o Mestre para sempre. Sua personalidade, ao mesmo tempo tão simples e simpática, emerge de modo espontâneo de toda a narração evangélica. Para além de seus méritos, Jesus o escolheu com os Doze e, entre os Doze, elegeu-o como o primeiro. A celebração de hoje, com o símbolo da cátedra, evidencia a *missão de mestre e de pastor* que Cristo conferiu a Pedro: sobre ele e sobre a sua confissão de fé, como sobre uma pedra, Cristo fundou a sua Igreja.

É exemplar o que o Apóstolo diz de si mesmo. Na primeira leitura, ele se apresenta como "ancião", "testemunha dos sofrimentos de Cristo", "participante da glória que deve manifestar-se"; a partir desta autoapresentação, podemos perceber a plena identidade do discípulo - apóstolo Pedro. Ele viveu como discípulo, participando da sorte do Mestre, sem jamais perder a esperança. Igualmente relevantes são as recomendações que Pedro deseja fazer aos anciãos a quem dirige a palavra, recordando a honra e o peso da responsabilidade que Jesus pôs sobre seus ombros. Os convites a *apascentar*, a *vigiar* e a *fazer-se modelo do rebanho* se sucedem com ritmo insistente: sinal que o apóstolo não está para transmitir alguma coisa própria, mas uma missão que lhe foi confiada para ser compartilhada e participada.

Não o interesse próprio, mas o amor pelos outros deve animar e sustentar os 'anciãos', isto é, aqueles que na Igreja são chamados a exercer o ministério de autoridade e de guia. A espiritualidade apostólica exige serviço total, dedicação plena, fidelidade incondicionada até o fim. As últimas palavras desta leitura contêm uma promessa: àqueles que permanecerem fiéis é garantida a "coroa de glória"; será o Pastor supremo a coroar os pastores da Igreja. O magistério de Pedro, a sua Cátedra, é feita mais do que de palavras, de testemunho, de uma vida gasta na sequela de Cristo e na guarda do rebanho. Isso tudo é um exemplo para nós!

O evangelho recordou-nos há pouco um dos momentos mais importantes de todo o ministério público de Jesus. Depois de um período de convivência com os discípulos que o tinham acompanhado enquanto pregava o Reino de Deus, Jesus retira-se à parte. Distante do que possa criar distração, Jesus está interessado em conhecer o que o povo diz sobre Ele e o que eles mesmos pensam. Não é uma simples curiosidade que leva Jesus a fazer tal pergunta; a sua intenção é obrigar os discípulos a tomarem partido por Ele e a proclamarem publicamente quem é para eles e o que esperam d'Ele ao segui-lo.

Quem quiser ser discípulo de Jesus acaba sempre por sentir-se obrigado a definir-se definindo-o; a Jesus não basta ser seguido de perto, é preciso que ele seja conhecido realmente e que seja proclamado sem complexos. O discípulo de Jesus deve ser sua testemunha; o apóstolo de Cristo deve ser seu anunciador. Ainda hoje, Jesus continua a perguntar-nos qual é o parecer do povo sobre Ele e a perguntar-nos quem é Ele para nós.

Confessar Jesus não é simplesmente afirmar a opinião que criamos sobre Ele; não é nem mesmo confessar a fé que recebemos dos pais e na Igreja. Aceitando-o como Cristo e Filho de Deus, Pedro não proclamou o que sentia por Jesus, não expressou o seu pensamento pessoal; disse o que Deus lhe colocara no coração. Crer em Cristo Jesus supõe, portanto, fazer nosso o ponto de vista de Deus, ver Jesus como Deus mesmo o vê, sentir por Ele o que Deus sente, contemplá-lo à luz de Deus e amá-lo como Deus quer. Não é legítimo imaginar Jesus segundo a medida dos nossos desejos e em conformidade com as nossas necessidades; esta imagem não refletiria o Jesus autêntico, o verdadeiro filho de Deus. Um Jesus modelado segundo os nossos gostos não estaria à altura de Deus; Jesus, Messias e Filho de Deus, é sempre maior de quanto nós poderíamos desejar, mas para experimentá-lo, é preciso acolhê-lo como realmente é, como Deus no-lo deu.

Somente os discípulos que, como Pedro em Cesareia, veem Jesus com o olhar de Deus e o proclamam como Deus lhes revelou, serão chamados a ser pedra e fundamento da fé para os outros. Hoje, Jesus precisa de crentes que, como Pedro, proclamem-no Messias e Filho de Deus; serão declarados por Ele bem-aventurados e lhes será confiada por Ele a missão de ser pedra e base da fé dos outros, no nosso caso específico, dos jovens. Na Igreja, a autoridade com capacidade de ensinar e a tarefa de guardar fundamenta-se na fé pessoal.

Concluo, citando as palavras de Santo Agostinho: “Em Pedro nós entrevemos a pedra escolhida... Em Pedro, deve-ser reconhecer a Igreja. De fato, Cristo edificou a Igreja não sobre um homem, mas sobre a confissão de Pedro. Qual foi a confissão de Pedro? «*Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo*» Mt 16,16). Eis a pedra, eis o fundamento, eis onde é edificada a Igreja que as portas dos infernos não vencem (cf. Mt 16,18)”.¹

Hoje, no íntimo do coração, sintamo-nos levados a dizer a Jesus o que Ele representa para nós. Bem-aventurado, dentre nós, quem o confessar, fazendo suas as palavras de Pedro! Porque, então, também a nós será confiada a sua missão: ser fundamento e apoio da fé e da fidelidade dos outros.

Rezemos a Maria. Ela nos tome pela mão como fez com Joãozinho e continue a guiar-nos para assumir até o fim com alegria e fidelidade a missão que Deus nos confia como Congregação: comunicar a beleza da fé aos jovens, anunciar-lhes a alegria do Evangelho, saber “apascentar o rebanho de Deus que nos foi confiado” na Igreja.

P. Pascual Chávez V., sdb
Valdocco, 22 de fevereiro de 2014

¹ AGOSTINO D'IPPONA, *Sermoni per i tempi liturgici*, Milano, 1994, 371s.